

A GUERRA COLONIAL: UMA PERSPECTIVA DIFERENTE

Numa escrita sincopada, recortando-se em vocábulos ou fragmentos frásicos de que se procura (e muitas vezes conseguidamente) fazer palavras significantes do que se diz com elas ou se pode deduzir delas — como toques de espátula de pintor impressionista numa tela baça —, traça David Rodrigues em *Troféus de Caça* (ed. Centelha, Coimbra, 1982) uma atmosfera inabitual da experiência da guerra colonialista portuguesa. Não a dos que participaram e viveram essa guerra, com suas dores, angústias e repulsas, mas a dos que ficaram a curtir o sofrimento de terem nela os que amavam ou a de poderem ser por ela arrastados com a alternativa única da fuga para o exílio. É a perspectiva de um jovem que foi atirado para a guerra de África, «dilatando sem fé o império da ausência», e que faz chegar aos seus os ecos da experiência amarga; da mãe e do pai que lhe sofrem a ausência no seu meio rústico inocente, só informado (e deformado) pelos discursos dos fautores da guerra e sua hipocrisia; de outro jovem que se vai desprendendo do espaço familiar para fugir ao pesadelo com que o ameaçam.

As situações emergentes (convergin-do ou divergin-do) dessas vivências, que se vão definindo através da maneira difusa e desagregada de narrar que é a do A., suscitam eficazmente uma atmosfera que se faz compartilhar na leitura. E, além da perspectiva pouco usual (outra face do absurdo que foi o do tempo em que se situa a narrativa), o que também inova e surpreende, por vezes desconcerta, é a linguagem com que ela é expressa. Num prefácio voluntarizadamente compreensivo, que é aliciante abertura para o livro, escreve João de Melo: «A primeira sensação que me percorre, ao entrar fundo e em contacto com a escrita deste livro, é esta: o *incómodo*.» Vê João de Melo nessa escrita «uma poética específica», mas «miudamente procurada e essencial». É subtil e parece-nos justa a interpretação. Mas o que também parece certo é que nessa escrita «incómoda» se conjugaram (umas vezes mais, outras menos habilmente) espontaneísmo e rebuscamento.

A. S.

AVENTURA JUVENIL NO QUOTIDIANO

Além do seu manifesto gosto pessoal de narradora, Alice Vieira encontrou incentivo, sem dúvida, para prosseguir o rumo em que vai lançada, nos êxitos conseguidos com os seus livros anteriores para crianças e adolescentes — em especial *Rosa, Minha Irmã Rosa*, que teve um Prémio do Ano Internacional da Criança e conta já três edições. Continua no género com *Chocolate à Chuva* (Editorial Caminho, Lisboa, 1982), narrativa apresentada atractivamente, com capa e ilustrações no texto de Teresa Dias Coelho. Pela idade e mentalidade da protagonista-narradora, a historiazinha contada dirige-se marcadamente a raparigas na transição da infância para a adolescência. E a sua qualidade maior (a que tem justificado, decerto, os êxitos editoriais da A.) é a naturalidade tranquila da linguagem, a verdade de observação no ambiente de família humilde,

a simplicidade do viver descrito, que foge sem custo à fantasia supérflua ou artificiosa e ao rebuscamento de situações e representações.

Pequenas coisas triviais — uma excursão estudantil, a vida escolar, uma crise de família — bastam para estruturar em andamento ficcionista desembaraçado o memorialismo da pequena narradora, com as suas descobertas de juvenil frescura («De um dia para o outro uma pessoa chega e descobre que a vida é qualquer coisa mais do que dias que se sucedem a outros dias...»). A pureza da experiência convivente e a ternura implícita, sem retórica sentimental, são outros aspectos positivos. Com um mínimo de literatura, este livro de Alice Vieira apresenta, por isso mesmo, um valor literário de peculiar quilate.

A. S.